**MEMÓRIA, IMAGEM E LUGAR: SOBRAL, MANEIRAS DE VER E IMAGINAR O
BAIRRO JUNCO****MEMORY, IMAGE AND PLACE: SOBRAL, WAYS TO SEE AND IMAGINE THE
NEIGHBORHOOD JUNCO**Gerson kaio Lima Borges¹

“A beleza do lugar me parece que se transmite em alguma coisa de mais belo que é a gentileza das pessoas, na grande simplicidade com que as pessoas entram nas relações. Depois, talvez, seja uma coisa superficial, depois, por baixo, existirão coisas terríveis” (PORTELLI, 2011).

RESUMO

O lugar é uma construção entre a natureza e a sociedade, na percepção do espaço e do tempo. A geografia, ciência que estuda as formas da terra, sua relação produzida através das atividades humanas, está ligada indissociavelmente, as formas de produção e os condicionantes ambientais de forma integrada, independente do conceito e/ou categoria a ser adotada. Objetiva-se delimitar a categoria geográfica (lugar) no presente estudo, a memória dos moradores, tendo como recorte a estação (VLT), localizado no Bairro Junco, na cidade de Sobral, na perspectiva de perceber o lugar como categoria materializada no espaço concreto da vivência à realidade socioespacial presente na sociedade. Salienta-se o uso da história oral na contribuição de identificar e apreender as formas espaciais geográficas presentes na realidade.

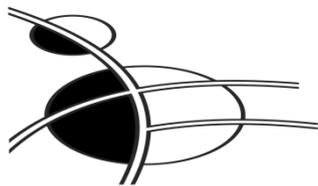
Palavras-chave: Memória. Imagem. Lugar.

ABSTRACT

El lugar es una construcción entre la naturaleza y la sociedad, en la percepción del espacio y del tiempo. La geografía, ciencia que estudia las formas de la tierra, su relación producida a través de las actividades humanas, está ligada indisociablemente, las formas de producción y los condicionantes ambientales de forma integrada, independiente del concepto y / o categoría a ser adoptada. Se pretende delimitar la categoría geográfica (lugar) en el presente estudio, la memoria de los habitantes, teniendo como recorte la estación (VLT), ubicada en el Barrio Junco, en la ciudad de Sobral, en la perspectiva de percibir el lugar como categoría materializada en el espacio concreto de la vivencia a la realidad socioespacial presente en la sociedad. Se destaca el uso de la historia oral en la contribución de identificar y aprehender las formas espaciales geográficas presentes en la realidad.

Palabras clave: Memoria. Imagen. Lugar.

¹ Mestrando em Geografia na Universidade Estadual Vale do Acaraú (MAG/UVA).



INTRODUÇÃO

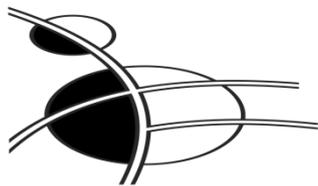
O tempo interfere com a noção de espaço no sentido em que memórias anteriores nos fornecem valores sentimentais a lugares e espaços na atualidade (MARTINS, 2013, p. 05). Neste sentido, o estudo da valorização do passado das cidades é uma característica comum às sociedades deste final de milênio. Atualmente o cotidiano urbano brasileiro vê-se invadido por discursos e projetos que pregam a restauração, a preservação ou a revalorização dos mais diversos vestígios do passado, ou do que sobrou dele na paisagem ou nas “instituições da memória” (museus, arquivos, bibliotecas, etc.), se dá hoje de forma generalizada no mundo, refletindo a emergência de uma nova relação identitária entre os homens e mulheres do final do século XX (ABREU, 1998, p. 77).

Especialmente, a partir das décadas de 60, 70 e 80 do século XX altura em que as geografias humanistas contribuíram para um entendimento mais profundo da percepção humana ao tratar o espaço e o seu significado (MARTINS, 2013, p. 07). Na ordem cronológica do tempo, a Geografia Cultural Contemporânea tem assim estado a repensar o papel da memória humana enquanto ferramenta de movimento dentro de uma produção de conhecimento sobre o espaço e lugar, uma vez que:

(...) As memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicando inúmeras e difíceis memórias que se acoplam nessa disputa, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades (POLLAK, 1989, p. 05).

Neste processo a memória prevalece na maior parte dos casos pelo tempo mental, e não pela percepção temporal cronológica dos fatos ocorridos no passado (MARTINS, 2013). O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. Materializado na paisagem, preservado em “instituições de memória”, ou ainda vivo na cultura e no cotidiano dos lugares. Olhar com reverência para o passado passou a ser visto, a partir de então, como sinónimo de saudosismo ou como atitude tipicamente reacionária, uma associação de ideias que só tende a ampliar o seu escopo com o tempo. “*Era para o futuro, e não para o passado, que as sociedades deveriam olhar!*” (ABREU, 1998, p. 78-79).

De alguma forma os indivíduos dão sentido às paisagens, ao ativar experiências biográficas de geografias situadas temporal e espacialmente, que apesar do seu carácter de palimpsesto, são regularmente organizadas na forma de narrativas lineares espacializadas, que operam como elementos centrais no processo da formação identitária (MARTINS, 2013, p. 05).



Pollak chama atenção e diz que a memória é a operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que quer se salvaguardar. Assim, a memória se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, família, nações etc., “E que a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis” (POLLAK, 1989, p. 09).

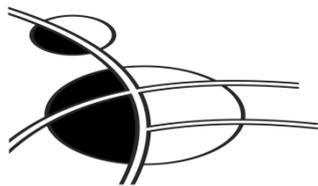
Para Duvignaud (1990), “é nos momentos de ruptura da continuidade histórica que as atenções tendem a se direcionar mais para a memória”. Neste sentido, Pollak (1989, p. 08) afirma que:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil, dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor.

Retroativamente, espaço, lugares e paisagem desempenham um papel crucial no moldar da memória individual, e desta forma, na memória coletiva humana. Num só tempo, a sociedade vive o presente, mas também o passado, pelos resquícios memoriais de outrora e pelas projeções futuras baseadas, em parte, no repetir a experiência das ações passadas (MARTINS, 2013, p. 05).

É a partir do passado das cidades brasileiras que a memória do lugar é revalorizada e preservada, ao mesmo tempo, recuperada e restaurada do que sobrou das paisagens urbanas anteriores, um objetivo que vem sendo perseguido por inúmeros agentes, destacando-se aí os governos municipais. Mesmo assim, as cidades relativamente novas já adotam essa prática de preservar os vestígios mais significativos de sua história. Nesse discurso indesejável a destruição da herança urbana foi devastadora, que têm sido um dos esforços para salvar e valorizar o que restou (ABREU, 1998, p. 81).

Aliás, numa perspectiva construtivista, não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar os fatos sociais quando se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade (POLLAK, 1989, p. 04). Nesse caso, estamos referindo à memória do lugar que deve ser preservada através das narrativas dos sujeitos.



A MEMÓRIA DO LUGAR

A memória como um processo de construção pessoal e espacial do sujeito, enquanto construção emocional dá o sentido ao lugar de construção identitária, através da análise de narrativas acerca da experiência vivida. Desta forma, a experiência adquirida dos indivíduos no espaço, é codificada através de inúmeros rituais em diferentes hábitos culturais, articuladas as categorias modernas de espaço e tempo (MARTINS, 2013, p. 05).

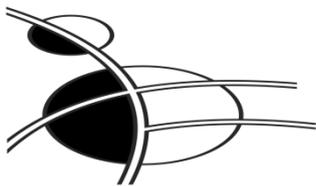
“A partir de então a nossa consciência se relaciona com o mundo, ou seja, com o espaço, através da mediação do corpo e dos sentidos (MARTINS, 2013, p.07) (...) “pois a busca da identidade dos lugares, tão alardeada nos dia de hoje, tem sido fundamentalmente uma busca de raízes, uma busca do passado” (ABREU, 1998, p. 79, 81). As sociedades acabam sendo “possuídas pelo passado”, o que resulta não raro na distorção da história e sim, em conflito social” (LOWENTHAL, 1996). Historicamente, as cidades do país vêm hoje engajando-se decisivamente num movimento de preservação do que sobrou de seu passado, numa indicação flagrante de que muita coisa mudou na forma como a sociedade brasileira se relaciona com as suas memórias (ABREU, 1998, p. 80).

Desta forma, Pollak (1989, p. 11) afirma o seguinte:

[...] As lembranças mais próximas, aquelas de que guardamos recordações pessoais, os pontos de referência geralmente apresentados nas discussões são, de ordem sensorial: o barulho, os cheiros, as cores. Enfim, as memórias coletivas impostas e definidas por um trabalho especializado, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas, intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural.

“A memória urbana é um elemento fundamental da constituição da identidade do lugar”, pois (...) se torna “uma categoria biológica/psicológica que diz respeito à capacidade de armazenagem e conservação de informações” que podem ser “compartilhadas e solidárias representando a memória da cidade; portanto, pode ser considerada coletiva” (ABREU, 1998, p. 81-82).

Segundo Halbwachs (1990) “o tempo da memória só se concretiza quando encontra a resistência de um espaço. No caso de uma memória coletiva, entretanto, a resistência desse espaço não é a mesma da memória individual”. A memória tem uma dimensão individual, mas muitos dos seus referentes são sociais, e são eles que



permitem que, além da memória individual, que é por definição única, tenhamos também uma memória intersubjetiva, uma memória compartilhada, uma memória coletiva² (ABREU, 1998, p. 84).

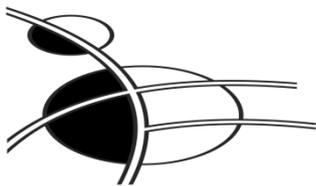
A memória é determinada não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte daquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. Um espaço, enfim, que foi compartilhado por uma coletividade durante um certo tempo, seja ele a residência familiar, a vizinhança, o bairro, ou local de trabalho (ABREU, 1998, p. 84).

A memória compartilhada, por definição, ultrapassa sempre os limites do presente, mas não consegue mergulhar infinitamente no passado. Ela estende-se até onde pode. Então a memória coletiva é uma memória viva que está muito distante do passado. As memórias coletivas se eternizam muito mais em registros, em documentos, do que em formas materiais inscritas na paisagem. São esses documentos que, ao transformar a memória coletiva em memória histórica, preservam a memória das cidades. São eles também que permitem que possamos contextualizar os testemunhos do passado que restaram na paisagem. É nas “instituições de memória” que os documentos que guardam a memória das cidades são preservados” (ABREU, 1998, p. 84-85). Nesse caso, “a imagem e a escrita acabam por abrir caminhos para a fabulação, para a ficção como formas de aceder a um conhecimento” (GONÇALVES E HEAD, p. 17).

O resgate da memória das cidades não pode se limitar à recuperação das formas materiais herdadas de outros tempos. Há que se tentar dar conta também daquilo que não deixou marcas na paisagem, mas que pode ainda ser recuperado nas instituições de memória (ABREU, 1998, p. 86).

Falar de “memória da cidade” hoje seria um engano porque são as pessoas que moram ou moraram nela é que vão lembrar dela, e não a cidade própria em si” (ABREU, 1998). O resgate da memória de um lugar, da memória de uma determinada cidade, só é possível se pudermos trabalhar ao mesmo tempo nas frentes de investigação. Temos que aliar a base segura da análise histórica ao esteio não menos seguro que a geografia proporciona (ABREU, 1998, p. 90).

² Por memória coletiva compreendemos segundo Halbwachs (1990) por um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo.



A história e a memória de uma cidade não se constroem, entretanto, apenas nesse espaço; elas precisam também daquele espaço concreto, onde se desenrola a vida cotidiana (...) num espaço onde domina não apenas as determinações, mas também as contingências já que a memória vem sendo resgatada das cidades ao longo do tempo e que tem sido invariavelmente uma memória capenga, não ancorada adequadamente num de seus pilares fundamentais, que é o espaço na sua percepção (ABREU, 1998, p. 91, 95).

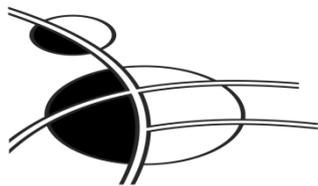
De acordo com Henrique (1996, p. 46), com a afirmação da nova geografia, o peso das formas de representação da paisagem entre as ilustrações (fotografias, *croquis*, etc.), os gráficos e os mapas temáticos, tornam-se, em contrapartida, mais comuns, diversificam-se e sofisticam-se mudanças nos níveis da metodologia e dos próprios objetivos da investigação.

Para Martins (2013, p. 07) a percepção do lugar está engendrada na construção do lugar. Desta forma, os sentidos, bem como as emoções e as narrativas, são constitutivas da deformação espacial, e, como o sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poder-se-ia falar de uma vida de sentimento como se fala de uma vida de pensamento.

De tal maneira, a representação na realidade não é uma realidade observável, ela é um conjunto abstrato de conhecimentos, que, juntas, reflete em construções exteriores que constituímos mediante relatos, imagens e narrativas (BARBOSA E CUNHA, 2006, p. 55).

Nesse consentimento, interpreta-se que esses elementos ainda permanecem até hoje como fundamento que constitui a criação da memória de um lugar representado pelo pesquisador. Ou seja, o trabalho de campo e a observação empírica continuam fortemente no campo da investigação. “No jogo de espelhos as imagens produzem-se através dos outros, em um processo, eminentemente, relacional, fazendo com que sejam afetadas” (BARBOSA E CUNHA, 2006, p. 20).

Entretanto, “os textos, as teorias e as imagens criam e recriam seu próprio objeto, modelando a forma como é entendido o mundo exterior ao qual estamos estudando” (HENRIQUES, 1996). Na escala local, geralmente, o estudo de um determinado lugar por sua vez, é feita através de observação empírica pela narrativa



dos sujeitos, seguido pela imagem como forma de representação e da compreensão do lugar.

A IMAGEM DO LUGAR COMO FORMA DE REPRESENTAÇÃO

A *imagem* tem um grande significado na representação do lugar, e nas suas diversas formas (simbólicas). Muitas vezes a imagem não é analisada como deveria ser, e acaba sendo mal interpretada resultando pouca informação. De fato a imagem deve ser analisada nas entrelinhas com rigor principalmente quando se trata da realidade estudada.

A diferença tá no uso das imagens quando é analisada verdadeiramente de forma crítica. As vezes o pesquisador insere a imagem apenas para “enfeitar” o trabalho como se fosse um “book de fotografia” não levando em conta os detalhes da informação.

Flusser faz uma crítica a respeito disso e coloca que as imagens:

[...] São resultados do esforço de abstrair dimensões espaço-temporais, para conservar as dimensões do plano. A imaginação tem dois aspectos que permite, de um lado, a dimensão dos fenômenos, de outro, a reconstrução da dimensão abstraída na imagem (FLUSSER, 1985, p. 07).

Para Cunha e Barbosa (2006, p. 32), o desafio de construir uma análise na qual existisse uma circularidade, uma mútua dependência e complementaridade entre a narrativa verbal e a visual, entre texto e imagem, dialeticamente, não é uma tarefa simples.

Obviamente as imagens captadas no trabalho de campo requer uma análise pormenorizadamente, profunda, detalhada de informações. Na maioria das vezes as respostas são dadas de forma precipitada sem antes ter feito uma análise do que foi registrado em campo levando a produzir um conhecimento complexificado durante a ordenação epistemológica das informações.

Flusser (1985, p. 07-08) deixa bem claro ao tratar sobre o assunto e diz que:

(...) As imagens são mediações entre homem e mundo que não lhe é acessível imediatamente. Elas têm o propósito de representar o mundo. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas.



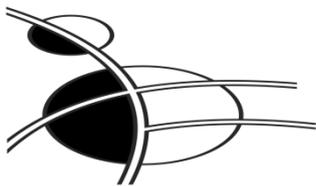
Além disso, as imagens representam um verdadeiro significado do conceito e do discurso científico que passa a ser composto de conceitos vazios – o universo da ciência torna-se universo vazio (FLUSSER, 1985). A perspectiva que vai se construindo não é a de uma câmera de filmar que registra dados etnográficos, mas a de um instrumento de comunicação com a realidade etnográfica. A câmera estimula a relação no campo os sujeitos da pesquisa e provoca a relação, fora do campo, com os espectadores do filme (BARBOSA & CUNHA, 2006, p. 36).

Nesse caso, a imagem técnica abstrai uma das dimensões da imagem tradicional para resultar em textos; depois, reconstituem a dimensão abstraída, a fim de resultar novamente em imagem pós-históricas. Nesse contexto, as imagens tradicionais imaginam o mundo e as técnicas imaginam textos que concebem imagens do mundo. “Nessa posição, as imagens técnicas é decisiva para seu deciframento” (FLUSSER, 1985, p.10). Por exemplo, ao falar como vivem as pessoas num determinado local fazendo uma racionalização da ação por meio da imagem pode significar uma equivocação ao invés de explicitar a realidade que está se tratando.

Na antropologia, por exemplo, a imagem como método ou técnica de trabalho de campo, como dado bruto de pesquisa ou registro (expressa narrativa visual e audiovisual), é adotada como objeto de análise indicando alguns caminhos nesse sentido. Isso significa dizer que o foco principal para os antropólogos durante um registro de imagem tem mais valor, pois direciona um conteúdo mais seguro, objetivo do registro das informações (BARBOSA E CUNHA, 2006), “já que os trabalhos antropológicos que lidam com a análise da imagem nessa perspectiva lidam também com o cruzamento de olhares: o do autor das imagens, os dos sujeitos da imagem e o do próprio pesquisador.” (BARBOSA E CUNHA, 2006, p. 54).

Flusser (1985, p. 10) defende a ideia de que “imagem e mundo se encontram no mesmo nível do real: são unidos por cadeia ininterrupta de causa e efeito, de maneira que a imagem parece não ser símbolo e não precisar de deciframentos, significado indiretamente.”

Barbosa e Cunha afirmam que a imagem se tornou o centro principal das formas de fruição do mundo “como meio de comunicação estabelecida por meio de signos estes se transformam culturalmente em significações considerados em conjunto, que nos permitem pensar, articular significados de forma isolada” (BARBOSA E CUNHA, 2006, p. 55).



No entanto, as imagens podem ser ilusórias e perigosas ao mesmo tempo a medida que são observadas como uma “janela” e interpretadas rapidamente sem a paciência para esmiúça-las detalhadamente. E isso pode no movimento entre o real-imagético, ocasionar uma interpretação contraditória, em seguida, revolucionadora.

Diametralmente, as imagens técnicas que vemos não vão contemplar “o mundo”, mas determinados conceitos relativos ao mundo, a despeito da automaticidade da impressão do mundo sobre a superfície da imagem. Portanto, a função das imagens técnicas é a de substituir a consciência histórica por consciência de segunda ordem (FLUSSER, 1985, p. 10).

Conforme Flusser (1985, p. 12) as imagens técnicas constitui o denominador comum entre conhecimento científico, experiência artística e vivência política de todos os dias. Porém, a revolução das imagens técnicas tomou rumo diferentemente, não tornam visível o conhecimento científico, mas o falseiam as imagens tradicionais.

Na produção das imagens, ela vai ocorrer por meio do,

Método ou técnica adotado na pesquisa de campo de cunho mais “documental” de registro de informações e situações de campo que podem ser utilizadas no trabalho de campo com uma série de variações. Elas atem-se a uma aderência “realista”, na qual figuram como material comprobatório da presença do antropólogo e de outros pesquisadores em campo, um exemplo “palpável” de situações e contextos etnográficos ou ainda como descrições visuais destas mesmas situações (BARBOSA E CUNHA, 2006, p. 49-50).

Desta forma, imagens captadas são utilizadas como parte da evolução do trabalho do antropólogo, do geógrafo, do historiador e demais ciências que trabalham com imagens, com vídeos e fotografias que são mostrados e comentados pelos sujeitos durante o próprio processo de pesquisa e também imagens utilizadas como mediadores para o estabelecimento de vínculos com os sujeitos no campo, como retratos e gravações em vídeo por eles solicitadas cuja realização firma importante reciprocidade para o desenvolvimento da pesquisa (BARBOSA E CUNHA 2006, p. 50).

Portanto, “a imagem não é vista como dado empírico objetivo”, mas como ponto de partida para uma reflexão conjunta sobre determinados contextos e situações, podendo não constituir como material a ser incluído no formato final de apresentação dos resultados da pesquisa, seja tese, artigo ou relatório (Ibidem, p. 50).

Nessa relação vimos que a memória e a imagem são elementos essenciais para a construção do conhecimento científico, bem como, também nos fazem compreender o passado estudado entendendo a compreensão no presente e



projetando para o futuro, a “memória da cidade” a partir das narrativas dos sujeitos, tema central da nossa pesquisa.

Nesse encontro, o espaço pensado como o lugar se apresenta como categoria principal para a compreensão dos fatos possibilitando dessa forma o entendimento da produção da memória e de imagens, como também a produção de narrativas audiovisuais que possibilita elos intermináveis para a construção sobre um verdadeiro lugar. Bem como os modos de ver e perceber a construção do conhecimento.

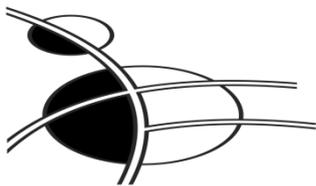
Neste quadro, o corpo é um ponto de inserção no espaço e o sujeito é o ser encarnado que vive no lugar como uma espécie de geografia do corpo através do domínio e presença dele no espaço, onde a mente atua como palco de representação e o olho e outros aparelhos de visualização transmitem uma visão objetiva dos fenômenos que deve ser visto e entendido por uma geografia mais sensorial e pela (re)teorização do corpo na ciência geográfica (MARTINS, 2013, p. 09).

Portanto, o conceito de memória, seja ela pessoal ou coletiva, está, deste modo, intimamente ligado ao de lugar, através da experiência, da percepção no conhecimento do espaço, e das suas formas devidas de interação num movimento em que os atores constroem a identidade que envolve a mente humanas. Ligadas a estas memórias se encontram armazenadas nas paisagens urbanas que seria, deste modo, verdadeiros elementos naturais quanto os construídos pelo homem, que, frequentemente sobrevivem a muitas gerações (FERREIRA, 2000, p. 68).

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE LUGAR A PARTIR DA MEMÓRIA

“Lugar” conceito espacial que durante longo tempo foi utilizado pelos geógrafos para expressar o sentido locacional de um determinado sítio. Devido a esta definição foi relegado a um plano secundário em relação a outros conceitos espaciais como paisagem, espaço e território (HOLZER, 2003, p. 113). De acordo com Holzer, para Tuan “espaço” e “lugar” são conceitos que definem a natureza da geografia” (HOLZER, 2003, p. 117). O lugar nesse sentido refere-se ao de localização e de posição na sociedade ligado a noção de “personalidade”, de “espírito” e da atuação da comunidade que dá sentido aos lugares.

Para Santos (1978, p. 121) o lugar é definido somente em 1970 como uma “porção discreta de espaço total”, ou como “uma porção da face da terra identificada por um nome”. Naturalmente o espaço seria um testemunho de um momento fixado



na paisagem, decorrente de processos preexistentes e influenciando novos processos. Ou seja, objetos geográficos que aparecem em localizações, correspondendo aos objetivos pré-existentes da produção.

Segundo Tuan (1979, p. 411) “é da natureza do lugar que a paisagem aparece possuindo uma existência estável independente do indivíduo que o percebe” de forma fragmentada, unificada que dificulta a possibilidade de seu entendimento. Ao analisar a paisagem urbana do seu lugar, é preciso ter muito cuidado, pois está se tratando de um lugar como objeto, onde a experiência é composta por sentimento e pensamento.

Sendo assim, e ao mesmo tempo, o lugar atrela a estabilidade espacial “fragmentado” onde o homem realiza todas as atividades a partir da familiarização; sobretudo, “a extensão do acontecer solidário, entendendo-se por solidariedade a obrigação de se viver junto” (SANTOS, 1994, p. 36). Na incumbência de que os lugares familiares primitivos são ocupados e retornados de modo aparentemente fortuito, aquele de ser permitido no espaço, onde a casa é descoberta e ao mesmo tempo descobre-se o lugar perdido (POULET, 1992, p. 18-20). Portanto, é no lugar (centro principal) que acontece as relações intersubjetivas e coletivas.

Essa questão é preponderante porque envolve a produção do conhecimento do lugar através da memória coletiva, bem como as experiências vividas ao mesmo tempo, levando a cabo a construção da identidade. Noutras palavras, Martins (2013, p. 10) afirma que:

(...) A produção humana embebida na percepção e experiência estará assim atenta aos atos de conhecer o espaço e de construir a identidade que por sua vez se fortalece por rede de atores (humanos e não humanos) ligada a uma rede de elementos (materiais e imateriais), como ideias e valores.

Por exemplo, a “residência”, o lugar de trabalho, por mais breve que sejam, são quadros de vida que têm peso na produção do homem. Pois envolve o passado que é um outro lugar, entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigados a esquecer, seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina. Cabe-lhes o privilégio de não utilizar de maneira pragmática e passiva o prático-inerte (vindo de outros lugares) de que são portadores (SANTOS, 2008, p. 328).

Conseqüentemente, a vivência na cidade dá origem a inúmeras memórias coletivas que podem ser bastante distintas uma das outras mas que têm como ponto em comum a aderência à essa mesma cidade. Por isso nem todas as memórias coletivas urbanas conseguiram ser registradas. Muitas perderam-se no tempo, o que faz com que os vestígios do passado que subsistiram na paisagem ou nas instituições



de memória sejam apenas fragmentos das memórias coletivas que a cidade produziu. E fragmentos muito especiais, pois estão geralmente ligados a estruturas de poder (ABREU, 1998, p. 86).

Dessa forma Santos (2008, p. 317) assevera que:

[...] A relação do sujeito com o prático-inerte inclui a relação com o espaço. As cristalizações da experiência passada, do indivíduo e da sociedade, corporificadas em formas sociais e, também, em configurações espaciais e paisagens é a expressão mais acabada.

A despeito disso, convém afirmar que “a sociedade será mais envolvida quanto maior proximidade entre as pessoas, criando laços de solidariedade entre as mesmas produzindo uma cultura e uma identidade no lugar. Presume-se que “a cidade é o lugar onde há mais mobilidade e mais encontros ao menor coeficiente de “racionalidade” na operação da máquina urbana (SANTOS, 2008, p. 319).

Percebe-se de certa forma que “o lugar seria um centro de significações para a fundação de nossa identidade como indivíduos de uma comunidade, associando-se, desta forma ao conceito de lar³” (FEREIRA, 2000). “Os lugares devem ser diferenciados não somente por seu ‘ambiente físico’, mas pelas diferentes respostas humanas” (FERREIRA, 2000, p. 72), para que havendo a produção do conhecimento das narrativas dos determinados sujeitos nos lugares, se torne multiescalares.

Bem como explica Martins (2013, p. 10) a memória é um elemento que concerne à reprodução de textos, objetos e outros, e imaterial no sentido em que cada indivíduo e corpo é, ao mesmo tempo, memória, elemento arquivador de experiências, que faz do corpo uma espécie de diário de qualidade e defeitos suportado pela identidade que forma.

A construção do conceito de lugar é mediada pelo uso da memória como um constructo social, mas, também, e, sobretudo, o lugar se apresenta noutros contextos de forma prática e da sua relação com a produção do espaço na perspectiva de compreender a produção do lugar.

De acordo com Harvey (1996, p. 314) o lugar se define dentro da geografia histórica da acumulação de capital como um dos constituintes do mundo espaço-temporal de intrincadas relações sociais e valorações universais ligada (direta ou

³-O lar é onde a vida começa e termina; é o principal referencial de existência da espécie humana na medida em que este é a forma concreta do abrigo, da proteção contra as intempéries e outros perigos potenciais. O lar é o pivô de uma rotina diária (LEITE, 1998, p. 11-12).



indiretamente) com o capital e representaria um “momento de consolidação de um regime de relações sociais, instituições e práticas político-econômicas de inspiração capitalista”.

A globalização também favorece para produção e diferenciação dos lugares em escala global com o objetivo de atraírem novos investidores e consumidores para a estratégia dessa promoção e criação de imagens do lugar (FERREIRA, 200, p. 72). O patrimônio urbano, e por extensão a cidade, se reduz a uma série de monumentos instantâneos, cenários efêmeros sem referência, cenário devidamente reduzido e perenizado na imagem fotográfica (GERALDES; CAMACHO, 2010, p. 05).

Nesse contexto, as imagens fotográficas ao patrimônio público deve-se:

[...] Procurar explorar as condições de visualidade possíveis e registrar alguns aspectos importantes para a caracterização dos lugares através da paisagem urbana. O uso do espaço público se apresenta como formas de privatização pela ocupação de calçadas e vias de pedestres como mobiliário, propaganda e mercadorias e das condições sociais sob as quais se pretende constituir um patrimônio ambiental urbano – a constituição de lugares -, que persistem algumas formas de organização do espaço dotadas de identidade própria (GERALDES; CAMACHO, 2010, p. 10).

Por exemplo, a presença dos pobres aumenta e enriquece a diversidade socioespacial que se manifesta pela produção da materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, quanto pelas formas de trabalho e de vida (SANTOS, 2008, p. 322).

Nesse estilo:

(...) Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de desterritorialização. Vir para a cidade grande é, certamente, deixar para atrás uma cultura herdada para se encontrar com uma outra. Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação (...) (SANTOS, 2008, p. 328).

Ou seja, a percepção numa visão geográfica não só a possessão da construção espacial de fronteiras, ou delimitação espacial, mas sim o “perceber”, reclamando assim o lugar (MARTINS, 2013, p. 11). Como pode-se observar, o processo de globalização, ao atuar nos lugares, muda sua natureza alterando seu alcance, sua posição e seu poder. Não considerando as entidades fixas, permanentes e limitadas, mas “temporárias, dinâmicas e (re)produzidas através de processos sociais (HUDSON, 1998, p. 917).

Como já foi salientado, a globalização das relações sociais Massey (2000, p. 185), por outro lado, é uma outra fonte (da reprodução) do desenvolvimento



geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar como centro de uma mistura distinta das relações sociais mais amplas com as mais locais.

Evidentemente, sucede-se que o lugar se associa a noção de totalidade do processo, a realidade global, as diferenças regionais e sociais de cada lugar historicamente. Também “o lugar é o mundo reproduzido, este mundo⁴, de modo individual e diversificado dos pobres, dos excluídos e dos marginalizados, a grande força produtora da contra ordem, em oposição aos vetores da globalização” (FERREIRA, 2000, p. 73).

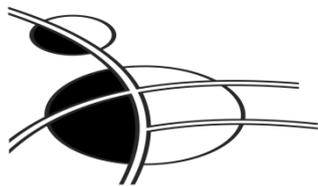
Os lugares possuem diversas identidades e estão repletos de relações com meio mundo. Seriam, portanto, pontos de encontro de redes de relações sociais, movimentos e comunicações cujas relações recíprocas tenham construídas em escala muito maior do que aquelas definidas para o lugar naquele momento (FERREIRA, 2000, p. 75).

Compreender o lugar será, analogamente, compreender a realidade tanto subjetiva quanto a objetiva, entre a visão descentrada do cientista, que vê o lugar como um conjunto de relações genéricas, e aquela centrada do sujeito que vê em relação às preocupações do indivíduo. Por outro lado, o geógrafo deverá não somente descrever as experiências, mas também avalia-las, buscando, deste modo, uma compreensão objetiva do lugar sem perder, entretanto, a dimensão dos fatos da experiência. A propósito, o estudo geográfico do lugar não deve, assim, se limitar ao estudo do específico e do singular⁵ mas buscar compreender as experiências individuais através das narrativas coletivas e dos discursos públicos (FERREIRA, 2000, p. 76-77).

Atualmente o lugar corresponde a expressão do processo de homogeneização do espaço imposta pela dinâmica global, expressão da singularidade, na medida em que cada lugar exerce uma função imposta pela divisão internacional do trabalho. A

⁴-O sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Sendo assim, lugares podem ser símbolos público ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, emoções humanas que vibram nos campos de preocupação (TUAN, 1979, p. 421).

⁵- Com base em Santos (1978, p. 73) o processo de singularização do lugar se dá, deste modo, como uma espécie de combinação, num determinado local, das possibilidades oferecidas pela generalização. Mesmo possuindo uma força de inércia, uma “autonomia de existência”, presente naquilo que o forma, o lugar incorpora novas funções a estas antigas formas através da “autonomia de significação. Ou seja, mesmo permanecendo esquematicamente os mesmos, os lugares têm suas significações permanente mudadas.



nível local, cada lugar vai reagir de uma maneira própria, a partir de condições pré-existentes (LEITE, 1998, p. 17, 19).

Na verdade, o lugar não se refere somente a localização geográfica, refere-se também aos objetos, a experiência vivida com o mundo, com a identidade e significado da interação humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas (LEITE, 1998, p. 10).

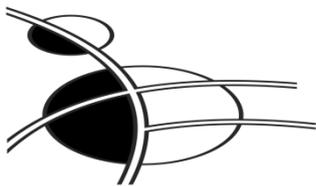
De certa forma, os lugares são os contextos considerados pano de fundo na qual se dirige para uma intencionalidade que define objetos ou eventos. Seja no sentido primordial, seja no sentido de seu significado e/ou focos de intenção, identificável, localização fixa e traços (LEITE, 1998).

Seja como for o lugar deve ser compreendido a partir de sua vinculação com os processos espaço-temporais que nele estão inseridas. Bairros, cidades e regiões não podem, deste modo, ser examinados sem levar em conta as diferentes espacialidades temporais neles contidas. Novos lugares não são produzidos independentemente de imposições tecnológicas ou decisões político-econômicas, mas, sim, ligados a processos de configuração social específicos de ator-redes (FERREIRA, 2000, p. 79).

(...) Compreender o lugar é, deste modo, compreender uma relação possível entre questões políticas e econômicas e teias de significações e vivências expressas localmente sem perder-se de vista suas relações estruturais globais ou as novas relações espaciais determinadas por um mundo em constante mutação (...) (FERREIRA, 2000, p. 81).

Convém de certa forma afirmar que o lugar é tratado como produto de uma dinâmica única, resultante de características históricas, psicológicas, filosóficas, sociais e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, como uma expressão da globalidade. Neste sentido, o lugar se apresenta como “ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento” (CARLOS, 1996, p. 16).

Além disso, “o lugar está contido no espaço porque as experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformariam os espaços em lugares” (LEITE, 1998, p. 14). Neste aspecto,



O conteúdo dos lugares é o mesmo conteúdo do “mundo”: ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva com as coisas e os outros, gerando os “campos de preocupação”. A preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço” (HOLZER, 1999, p. 70).

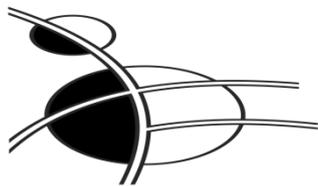
Nestas condições “o lugar é considerado a partir da rede de circulação, como unidade única, como produto da história e significado” (TUAN, 1979), “não esquecendo da escala definida que resulta de outros objetos cuja sua configuração evoca outros lugares” (HOLZER, 1999, p. 74-75). Os lugares existem para que as necessidades dos sujeitos que neles habitam a partir da materialidade e do corpo em movimento em relação ao meio que vivem envolvam, sobretudo, a sua identidade definida a partir da espacialização das práticas sociais e da intersubjetividade inerente ao processo. No caso do patrimônio urbano, “a identidade do lugar é instituída a partir de valores atribuídos, capazes de traçar uma fronteira virtual que o separa do espaço banal” (GERALDES; CAMACHO, 2010, p. 06-08).

Sob essa lógica,

O homem busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e pouco a pouco vai substituindo a sua ignorância do entorno por um conhecimento, ainda que fragmentário. O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente/ territorialmente a cultura e mudando o homem (SANTOS, 2008, p. 329).

Porém, uma coisa é certa. No lugar, nosso próximo, se superpõem, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e a realidades de espaço e de tempo para ação. Enquanto isso, cooperação e conflito são a base da vida em comum exercendo uma ação própria, a vida social se individualiza; a política se territorializa (SANTOS, 2008, p.322).

Paradoxalmente, o que classifica o lugar como sua especificidade não é uma história longa e internalizada, e sim pelo fato de que ele se constrói a partir de uma constelação entre o sujeito e o espaço num *lócus* particular de relações sociais dessa interseção. Trata-se, na verdade, de um lugar de encontro. Em certa medida os lugares são vistos como áreas de fronteiras ao redor, articulados em redes de relações e entendimentos sociais, que se constroem numa escala muito maior como uma (rua,



região ou um continente). Resume-se a isso que o sentido do lugar é extrovertido que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local (MASSEY, 2000, p. 184).

Nessa proporção e sobre tais considerações podemos classificar o lugar em três categorias.

Em **primeiro lugar** os lugares podem ser conceituados em termos das interações sociais que agrupam, então, essas interações em si mesmas não como coisas inertes, congeladas no tempo: elas são processos. **Em segundo lugar**, os lugares não têm de ter fronteiras no sentido de divisões demarcatórias. É evidente que as “fronteiras” podem ser necessárias, por exemplo, para as intenções de certos tipos de estudos, mas elas não são necessárias para a conceituação de um lugar em si. E **em terceiro lugar**, os lugares não têm “identidades” únicas ou singulares: eles estão cheios de conflitos internos (MASSEY, 2000, p. 184).

Todas essas observações apontam para a especificidade de um lugar que é continuamente reproduzida, mas não é uma especificidade resultante de uma história longa, internalizada. Há, porém, pelo fato de que as relações sociais mais amplas, nas quais o lugar se encaixa, são também geograficamente diferenciadas (MASSEY, 2000, p. 185).

E a memória coletiva é apontada como elemento primordial indispensável à sobrevivência das sociedades, como o elemento de coesão garantidor da permanência e da elaboração do futuro; mas, que ao mesmo tempo pode cair no esquecimento. Por isso, a consequente (re)descoberta são individuais, diferenciados, enriquecendo as relações interpessoais, a ação comunicativa (SANTOS, 2008, p. 329-330).

Todavia, o homem de fora é portador de uma memória, espécie de consciência congelada, provinda com ele de um outro lugar. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser; ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. E a consciência pelo lugar se superpõe à consciência pelo não-lugar. Entretanto, a noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história, resultantes da memória como um constructo da narrativa (SANTOS, 2008, p. 330).

**A CONTRUÇÃO DO CONCEITO DE LUGAR A PARTIR DA NARRATIVA DE ALGUNS MORADORES APÓS A IMPLANTAÇÃO DA ESTAÇÃO (VLT) JOSÉ EUCLIDES, NO BAIRRO JUNCO.**

A narrativa é uma teoria da prática indissociável, da sua condição, bem como da sua produção onde o corpo é a peça-chave para a compreensão da sua dimensão prático-inerte. O espaço como uma prática, misturado pelos corpos; frequentado, relaciona-se ao movimento das narrativas e da prática espacial que precisa de movimento (MARTINS, 2013).

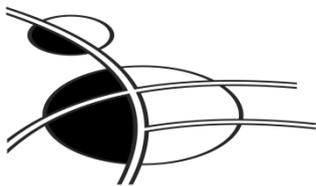
Dessa forma a concepção de lugar está inserida e articulada na prática, como explica Carlos (1997, p. 17) “o lugar desenvolve a vida em todas as suas dimensões. É a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida.”

De acordo com Amador (2016), “o lugar é construído a partir da experiência e dos sentidos, envolvendo sentimento e entendimento, num processo de envolvimento geográfico do corpo amalgamado com a cultura, com a história, e com as relações sociais e a paisagem.” (MARANDOLA, 2013 apud AMADOR, 2016, p. 20).

Para Souza (2016) os lugares são fundamentais devido ao estabelecimento da nova dinâmica, ou seja, por lugares inovativos que decorrem de uma rede de estruturas (físicas e fluxos intangíveis) juntamente aos aglomerados que oferecem e favorecem a novidade. “Lugares inovativos possuem uma relação direta com sua capacidade de usufruir do conhecimento das pessoas, bem como as organizações ali instaladas (públicas, privadas, com fins lucrativos, sem fins lucrativos, empresariais ou governamentais) que possuem” (SOUZA, 2016, p. 50).

Aqui, deparo com essa inter-relação da memória coletiva das pessoas a partir do senso da percepção, da experiência vivida, com as práticas corporais envolvidas com o lugar, resultando na construção da paisagem, num recorte espacial - a estação *José Euclides*, localizado no bairro Junco. Um mecânico, morador do bairro, próximo à estação, narra a sua experiência de vida após a instalação da estação, e comenta o seguinte:

[...]Eu vim como imigrante quando já tinha 13 pros 14 anos. Não sou natural daqui. Eles não fizeram nenhuma pesquisa...num chegaram pra cada cidadão. Bem, pra mim nem tanto que moro nos terrenos...mar pelo menos aqui nesse trecho que é o Junco, eu trabalho nesse beco aqui... nunca! Quando começaram né! Disse que ia meter exe trem aí aquela coisa e tal, nunca! E ninguém veio fazer nenhuma pergunta... a cada eleitor né... como ia ser né! Se era bem-vindo...nunca ninguém apareceu antes de botar esse negócio! Botaram assim... como uma coisa na marra! Sei lá! Nunca foi feito o

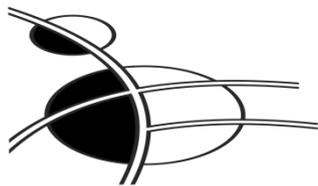


projeto! Acho que nada! que agente saiba não! Que agente saiba...assim nem no projeto foi feito uma coisa assim! Sei lá! Na marra! sei lá como foi. Bem, eche trecho daqui...dessa CIOL, não! Da COHAB 3 ate os trechos sabe adonde? Até a grutinha ali... nem até incomoda muita gente...mar dali pra lá tu é doido! A negada ali incomoda... incomodou muita gente! Ninguém era de acordo como eche trêm não! Ninguém! ninguém de acordo! Hoje depois que a poeira baixou né que ninguém queria eche VLT aqui rodando... ninguém queria não! Mar depois que baixou a poeira né... que todo mundo acalmou... aí pronto! E ai e ai foi que começou a rodar. Quando começou era o quê? Se não me engano... quando começou a rodar era três rial...acho que ninguém! Era raralmente que a pessoa rodava neche trêm... era raro... era muito raro! Mar depois com uns tempos baixaram né! Ai hoje em dia ate que tá movimentado, normal né! Anda muita gente! E é assim... uma coisa assim. Pode ser que pra alguém necessita né... mar acho que a maioria não fera! Pra maioria acho que não! Aqui dentro da cidade né! Se eles tivessem botado assim, sabe como!? Assim pro distrito, interior...rodar assim... mar acho que pra dentro da cidade acho que não pegou muito bom não! Pegou não! Tinha pegado muito bem se eles tivesse butado um bocado de transporte novo! Topic ou ônibus novo! Pá tá circulando pra população né! Não eche trêm ai! Tu é doido! Eles pecaram aí butando eche trem! Pecaram! Dizer que... pecaram! Tu é doido! A maioria! Se diferenciou agente diz que pouquinha coisa a mais fera! Naquele movimento deu pra movimentar mais...num foi muita coisa que diferenciou não. Depois que implantaram ficou mais movimentado o bairro! Certo que não é um metrô; é um trêm! Acho que ficou mais movimentado! Ficou mais diferente um pouco – o bairro. Isso ai ficou. Eu não uso! Faz um tempo que ele tá rodando... faz uns 2 anos tá! Se eu não me engano! Tá com 2 anos ai. Eu não uso! Acho que pra mim não tem nenhuma utilidade fera! Pra mim não tem! Eu moro aqui nos terrenos e pra mim não tem nenhuma utilidade! vou dizer que tem! não tenho! Kkkkkk (BOTAZAR, 2018).

Tomando-se por parte a primeira narrativa através da memória percebe-se imediatamente que o espaço mudou. E que o VLT não tem muita importância, o que caracteriza não mais a mesma coisa. Isso significa dizer que a paisagem urbana no lugar foi transformada efetivamente (...) virou foco de concentração das massas sociais que agora vai regular o intercambio, o crédito, o capital para assim favorecer as condições precípuas da infraestrutura local. Maria de Fátima, moradora do bairro, dona de uma churrascaria, comenta o seguinte:

[...] Nasci aqui. Tá melhorando o bairro. É ótimo! Pra mim é ótimo! É bom! Favorece a comunidade... muita gente mora lá no Caiçara...as vezes de madrugada aqui não tem nenhuma moto pra pegar...pego o trem e vai si embora... só isso aí é uma boa. O barulho não incomoda não. Pra mim não! O bairro é melhor... mais movimentado. Bom! – ah! Certo que assalto tem toda hora... mas antes era um bairro vei triste...pessoal andando...maior paste era a pé...sendo assaltado e com a linha do trem alivia mais! (MARIA DE FÁTIMA, 2018).

Nesse resgate da memória, a entrevistada faz alusão de que com a instalação do VLT melhorou para a comunidade local. Por um lado, é positivo, porque o acesso é viável a outros lugares, ao trabalho e outras formas de acesso. Mas pelo outro, o impacto socioespacial é processado por meio de conflitos, assim, como a poluição



sonora, e outros riscos para o bairro. Segundo Vera Lúcia, comerciante, moradora do bairro, nos alega o seguinte:

[...] Nasci aqui. Eu acho muito perigoso! Porque sim... porque ficou muito estreito a pista...muito estreita, ai causou muito acidente! Gera acidente! Precisar...precisa...mas ficou muito perigoso! Eu já vi falar em muitos acidentes...muitos! muito perigoso! (VERA LÚCIA, 2018).

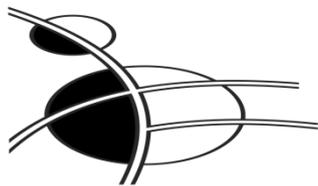
De acordo com Carlos (1997, p. 29) “o lugar também concentra as condições de reprodução da força de trabalho, da vida cultural dos meios de vigilância, administração e a repressão.” Para que o capital seja favorecido nessas condições, esses produzem o espaço porque os atores sociais hegemônicos ai se concentram e os capitais se centralizam juntamente com o poder ali estabelecidos.

Vimos que com a implantação da estação nos espaços curtos provoca a produção dos espaços altamente vulneráveis pra quem circula pela avenida por cima da linha do trem todos os dias, principalmente, os pedestres, os ciclistas, e os moto-taxistas, arriscando suas próprias vidas podendo ser atropelados a qualquer instante! Empiricamente percebemos que não há nenhuma sinalização e/ou mesmo placas alertando na hora em que o trem vai passar nem mesmo um guarda de trânsito específico para esse tipo de evento, apenas sinais nos cruzamentos que não são muito seguros, além da infração dos condutores.

Mas todos esses problemas são resultantes da falta de planejamento urbano adequado não só para o bairro, mas para a cidade como um todo visando uma melhoria. Acredita-se que o problema, hipoteticamente, seja por vários motivos, entre eles, uma pesquisa qualitativa para saber se a população é contra ou a favor da instalação da estação antes do início da obra. Evidentemente, a negligência do Estado faz com que a população do bairro saia prejudicado por conta da não participação da pesquisa e nem sequer em debates para tratar do problema projeto de implantação da estação.

Lamentavelmente acaba por ignorar a opinião das pessoas que moram na comunidade ‘meio que tapando a boca deles’ de forma implícita, ocultando opiniões, deixadas de lado, por conta da ignorância das instituições, deixando a comunidade nos clamores pelo resto da vida!

Isso contribui para que gere um espaço segregado, espoliado, e esmagado sobre a pressão do Estado colocando a comunidade em risco, e ao mesmo tempo, numa relação conflituosa, projetando-se sobre o terreno, sem a preocupação de perceber o que reage sobre ele. Daí o espaço vira uma mercadoria que é apropriada



pelo poder público-privado, isto é, o acesso aos lugares tornando-se privados onde se materializa a vida. Nessa inconformidade Carlos (2014, p. 56) expressa a seguinte questão:

[...] O espaço é condição da realização do processo produtivo, unindo os atos de distribuição, troca e consumo de mercadorias, ele se produz como materialidade – como, por exemplo, infraestrutura viária, rede de água, luz e esgoto etc. Todavia, o espaço guarda o sentido do dinamismo das necessidades e dos desejos que marcam a reprodução da sociedade em seu sentido mais amplo, a realização da vida para além de sua sobrevivência (CARLOS, 2014, p. 56).

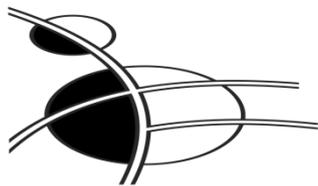
Entretanto, “a sociedade cria laços com o lugar através da apropriação e identidade, sendo a paisagem um dos principais componentes de referência dessa relação de pertencimento que as pessoas têm com o meio” (AMORIM; SILVA, 2016, p. 56), “na mesma intensidade em que a sociedade cria suas modificações sobre o meio social, alterando a escala do lugar”.

Para o entendimento de um determinado recorte do lugar a escolha da escala é fundamental. Pois refere-se a um elemento central de “abordagem geográfica do real que enfrenta o problema básico do tamanho, que varia do espaço local ao planetário” (CASTRO, 2010, p.118). Também pode-se referir as classificações das escalas local, regional e também mundial. Dessa forma, o conhecimento popular na escala individualiza dos aspectos naturais e sociais levando em conta (a paisagem do lugar), a identidade, criando laços de afetividade para a construção do conhecimento do lugar.

Nesse contexto Amorim e Silva destacam que:

A leitura que se faz da paisagem na escala do lugar não seja centrada em uma análise *per se*, é preciso ir além e estabelecer relações hierárquicas crescentes e decrescentes com o contexto maior, até se chegar a uma compreensão da forma atual, buscando identificar o encadeamento de processos que concorreram para construção do que hoje está em evidência, deixando de lado análises meramente classificatórias da paisagem (AMORIM; SILVA, 2016, p. 66).

Por isso é importante destacar a memória como elemento de fundamental importância no processo da escala porque ela permite que se façam novos estudos, que envolve as práticas corporais e não corporais na construção de paisagens coletivas, sociais, públicas, históricas, populares ou culturais que sejam revistas ou avaliadas por cada pessoa, para que a memória do lugar seja remodelada, especialmente pela forma coletiva, estabelecendo assim uma identidade coerente que seja nacional de um lugar, comprovada, para o mundo (MARTINS, 2013).



Ainda sobre a memória do bairro, Sebastião, vigilante, morador do bairro, afirma o seguinte:

Eu sou de Camocim. Cheguei aqui em 1999 pra 2000. Tô com 17 anos aqui em Sobral. No passado era muito bom pra nós...era bom...era melhor. A venda vendia muito. Depois a venda caiu! A estação aqui quando soube já estava construindo! Ai começou a funcionar aqui por R\$: 3,00 reais. Depois baixou pra R\$:1,00 ai ficou bom! Ai sábado é demais! A ideia da construção é boa cara! melhora para o povo! Muito bom! Boa demais! Que começou assim... R\$: 3,00 reais depois baixou para o povo... depois baixou para R\$: 1,00 real...ai ficou muito bom! Quem não tinha condição...agora tá ruim com a moto! Com aperreio demais tão pegando mototaxi ai ficou ruim demais! O metrô ajuda muito! Rapaz... ruim aqui tá faltando...vou dizer uma coisa pra ti! Vou ser sincero mermo! Tá faltando uma lei digna pra melhorar a saúde; mais crime demais né! Muito assalto...assalto aqui tem demais! Assalto, roubo... matando gente adoidado! Tanto aqui quanto no terreno! É demais... mas é bom! Por uma parte é boa...mas por outra é ruim demais, é assalto! É só isso daí! É bom o metrô. Bom né! Agora as condições de venda caiu muito aqui! Depois que foi botado essas coisas caiu! Só a venda do restaurante não! Mas melhora para o povo. O negócio é bom! A venda caiu muito! O problema não foi só o metrô. O problema foi da Regional. Pra nós era bom pra venda! Hoje todo dia pegando Mototaxi, a Topic para o centro. O metrô já melhorou mais. Tá melhor! melhorou muito! Agora falta melhorar é eche negócio de assalto que tem mudado... que tá grande demais! É só isso... melhorar ter uma lei digna que não tem... mas não tem segurança porque é muita policia mas também é ladrão demais! Marginal demais! Mas fica ruim! Rapaz... é só isso aí! Agente tá trabalhando...tem gente querendo assaltar o povo demais...só isso... ai não tem condição! O policial mais forte que defende agente, os restaurantes! o povo não tem nem vontade! agente come aqui e o povo vem assaltar agente! aliás, não só aqui mais em todo restaurante, né! (SEBASTIÃO, 2018).

A memória também tem seu lado negativo na história. Na atualidade, a violência também faz parte desse contexto social, acentuando-se cada vez mais, invadindo nos *guetos da cidade*, produzindo um espaço violento. Alguns autores afirmam que os números elevados de crimes realizados no Brasil são bastante assustadores e ao mesmo tempo preocupantes. Em tese sabemos que o problema é social e desigualmente não atribuído pelo estado-nação, e da falta de investimento em (educação, saúde, lazer), dentre outros, um direito conquistado pela sociedade, mas que ao longo dos anos tem se tornado um direito privado.

Ressalta-se sobremaneira a memória do lugar como um processo de valorização-desvalorização que depende de sua localização, um dos pontos estratégicos, inseridos dentro do sistema de reprodução capitalista. Na prática, a desvalorização dos lugares favorece para o aumento da criminalidade no bairro.

Segundo Santos (2008, p. 323) a presença dos pobres na cidade aumenta e enriquece a diversidade socioespacial, que tanto se manifesta pela produção da



materialidade em bairros e sítios tão contrastantes, quanto pelas formas de trabalho e vida.

Essa mudança urbana trouxe consigo, alterações na arquitetura da cidade, nas nomenclaturas e assim fazendo e refazendo novos espaços de convivência social, revelando uma Sobral que progride sem olhar para trás, sem ouvir seus reclamos. Novos espaços se abriram, outros se fecharam, surgiram novos atores sociais, como o fiscal de rua que tenta coibir o vendedor ambulante, o comércio de calçadas, de praças e becos, tradição de toda cidade onde há uma população considerável de desempregados e de imigrados (ADRIÃO, 2010, p. 137).

De acordo com Carlos (1997) um lugar contém sempre o global, ou seja, esse local é específico do mundial, articula-se a uma rede de lugares, apoiando numa difusão de redes de informações que tem como processo os bens e serviços da sociedade, da economia, da cultura e do espaço para uma visão mundial que se articula e conecta num novo olhar para o global.

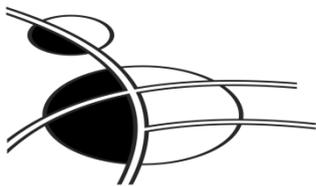
Nesse íterim, Carlos explica que:

O capitalismo, o Estado e o espaço mundializam-se, o mercado mundial permite a convergência dos fluxos de informação e de mercadorias. O capitalismo constitui-se em totalidade contornando, destruindo, e absorvendo obstáculos, destruindo fronteiras. No processo de globalização o lugar ganha um novo conteúdo, produz-se uma hierarquia diferencial dos lugares que aparece sob a forma de uma competição entre lugares pelo investimento (CARLOS, 1997, p. 32).

Apesar disso, a garantia que temos é de que o Estado enquanto agente produtor, regulador e ordenador do espaço, tende a estabelecer um processo mais amplo, que transforma o território nacional, historicamente, num processo articulado no plano da totalidade mais vastas como ideias bem atuantes porque,

Intervém na produção e organização do trabalho produtivo, ao mesmo tempo em que determina as relações de produção e também produtor e produto, suporte das relações sociais e, portanto tem papel importante no processo de reprodução geral da sociedade, uma produção espacial que aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico que se revela no seu uso, como produto da divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada. (CARLOS, 1997, p. 33).

Assim o lugar se processa de forma fragmentada, revelando-se em sua simultaneidade os interesses nos espaços sociais que se justapõe contiguamente, um fenômeno da sociedade urbana revelado a partir da concepção ou do estabelecimento mundial. Referente a isso, hoje a vida nas cidades sucumbe às análises feitas pelas



transformações espaciais, cujas novas tendências estão presentes no processo de reprodução social, ou seja, em uma nova redistribuição das atividades humanas nas estruturas locais, regionais e nacionais. Sendo recolocadas como um espaço fragmentado e hierarquizado.

Para Sá é nos lugares que acontecem à dinâmica produtiva e das normatividades, ou seja, “os lugares são um conjunto de possibilidades para a efetivação das oportunidades que o capital desigual e combinado demanda para suas realizações várias: produtivas, financeiras, de serviços variados, etc.” (SÁ, 2016, p. 105). Nesse sentido, a autora conclui que:

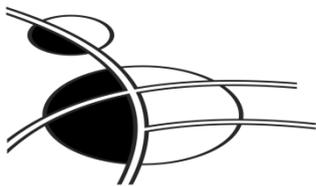
[...] Os lugares se comungam, se entrelaçam, todas categorias ou subcategorias de análise dos fenômenos socioespaciais que se espraiam na horizontalidade do espaço: as normas do mundo, do país, das regiões supranacionais (blocos econômicos), mas, e acima de tudo, os seus valores identitários e históricos (SÁ, 2016, p. 106).

Nessa horizontalidade, a urbanização do lugar vai impor a ideia gerada por conflitos e confrontos, provocados pelas atividades fragmentadas parcelares cujo papel sempre se remete ao indivíduo, expresso nas mais diversas subcategorias do espaço e lugar. Por exemplo, o funcionário, que trabalha na estação, coloca o seguinte:

[...] O VLT na comunidade Saboia não me serve porque à distância até a COHAB 2 fica longe. Eu tenho que andar praticamente 2 km. Tem que haver antes um estudo no todo. Faltou um especialista no trânsito, em construção. Praticamente se tu ver hoje o VLT quando chove tem dificuldade de subir porque essa estação não era pra existir porque com essa velocidade já era ter passado direto! Faltou mais estudo! No interior era pra ter existido estudo/projeto adequado pra beneficiar toda a comunidade! Com o estudo deles estão preocupados com a passagem (R\$: 3,00) reais; era melhor pegar um moto táxi! Hoje seria viável/adequado era só a estação (Junco) e não **José Euclides** ligando Sobral a outras cidades e não somente aqui! Hoje pra tu conseguir uma coisa é concurso! Pra tu administrar um negócio desse é cabide! (SEGURANÇA NÃO IDENTIFICADO, 2018).

Nesta situação, a reprodução do espaço se orienta pela imposição de uma racionalidade técnica assentada nas necessidades impostas pelo desenvolvimento da acumulação que produz o espaço como condição da produção, revelando as contradições que o capitalismo suscita em seu desenvolvimento. Nisso a reprodução da vida prática se realiza na relação contraditória entre o uso dos lugares da realização da vida e os lugares produzidos como valor de troca; contradição esta que está na base dos conflitos em torno da reprodução do espaço (CARLOS, 2014, p. 65).

Com isso a fragmentação do espaço acontece pelos intensos conflitos que aparece constantemente. Com a implantação da estação a segregação e a



privatização do lugar tem-se colocado na situação de desprezo que tem tirado a paz dos moradores. Isso também tem afetado a economia local (comércios e supermercados), demonstrando que com a instalação da estação VLT no bairro, independentemente da opinião, ocasionou ressentimento para a comunidade.

De acordo com Adrião (2010, p. 130) os conflitos de interesses não surgem por acaso; estão relacionados com o lugar social que cada morador ocupa na urbe, que, como sabemos, não são iguais e, embora não seja dito, são regulados por leis também desiguais ou por políticas diferentes, que fazem surgir uma marginalidade social absolutamente previsível pelo poder constituído. Ou seja, pessoas foram convidadas pelo então prefeito a ocupar o novo bairro que ele estava fundando, mas sem nenhuma infraestrutura, à mercê da própria sorte.

Essa é uma questão fatigante porque territorialmente está ligada aos interesses políticos que definem onde os “moradores” da periferia vão ocupar; e isso depende da política dos nefastos para poderem se ter uma moradia. Uma coisa que não podemos deixar de mencionar, a questão do “voto”. Não é a toa que um prefeito vai fazer algo pra melhorar um bairro sem antes a participação da comunidade votando no candidato que de quatro em quatro anos faz alguma coisa (melhoria) para o bairro sem antes obter maior número de votos possível para se reeleger.

Todavia há no mundo moderno um conflito violento entre uso e troca que se expressam no lugar, pois,

Áreas inteiras são vendidas aos pedaços no mercado, amputando a cidade em sua dimensão humana, produzindo um sentido de perda provocada pelas mudanças nas formas de apropriação, desvalorizando os mais diversos lugares como simples trocas. Isto porque a cidade cresceu, expandiu seus limites, dispersou-se em periferias cada vez mais distantes reproduzindo uma hierarquia espacial diferenciada, articulada ao processo de apropriação dos espaços determinados pelos usos produzindo guetos e redefinindo o uso do espaço público e privado (CARLOS, 1997).

Dialogando com os autores Santos (2011, p. 203) aponta que a autonomia municipal deveria ser redefinida, juntamente com a redefinição da alocação dos recursos. A esse nível municipal deveria, por exemplo, caber uma autonomia de gastos em tudo o que tivesse relação com a vida à realização de uma vida decente e digna para todos, naquilo que dependa de soluções essenciais, imediatas, inadiáveis, a serem reclamadas dos poderes locais. Cultura, educação, saúde, moradia, transporte, atendimento às necessidades elementares, lazer. Tais questões deveriam poder ser resolvidas ao nível estritamente local.



Nessa questão Carlos (1997) argumenta que o lugar é a base de reprodução da vida (...) é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (...) isto é, nos modos de uso., (...) são lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso.

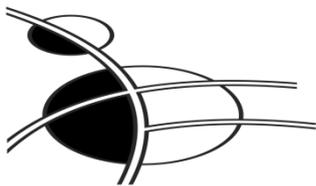
Ou seja, a identidade então ela é “algo produzida” através das narrativas dos sujeitos que usam para explicar e compreender suas vidas (MARTINS, 2013), tornando reflexivo (um projeto) capaz de refazer a construção e interpretação pela memória do lugar por um exercício passado (presente elaborado). É o que relata a funcionária Marcia, bilheteira, que trabalha na estação:

Nasci aqui desde criança. Devido ao movimento na avenida as mudanças aconteceram aqui! Isso aconteceu em 2002. Na implantação, antes de ser feita, foi feito uns testes durante 6 meses e ninguém pagava nada! Eu e muitas pessoas frequentavam; era de graça! Como não era pago, os primeiros funcionários eram os vigilantes que trabalhavam na estação pra cuidar das obras. A minha Jornada de trabalho é de 6 horas (três turnos) - Segunda a Sábado. Sou bilheteira. E estou satisfeita com o que eu ganho. Demais! É Próximo de casa. Eles colocaram agente próximo de casa pra trabalhar porque é perto. O salário é compatível. Você vê as pessoas trabalhando muito e ganhando pouco! Aqui é compatível. Movimentou demais o bairro! Já tô tão acostumada que aos domingos não escuto o barulho do metrô, e sinto falta! (MARCIA, 2018).

Em virtude disso, percebemos que o espaço-lugar como objeto cria condições para que o sujeito seja dependente dele, bem como as formas de vida que vai reproduzindo a medida em que as relações sociais de trabalho é estabelecida. Desta forma, se produz novas formas vida, novos laços são criados e ancorados no lugar (raiz), assemelhando-se a uma nova identidade. Neste sentido:

“A cidade se faz e refaz nesse cotidiano, igualmente o indivíduo que dela faz parte. Portanto, também se faz e refaz a memória material, imaterial, social, individual. O sujeito que vive a cidade silencia tanto quanto ela. Ele também tem interesses que entram em combate consigo mesmos, do que dizer, do que calar, mas também entram em conflito com os interesses da cidade. De seus lugares ditos e não ditos. Algumas experiências podem e devem ser reveladas, causam orgulho, satisfação, revelam vitórias, conquistas. Outras devem ser esquecidas para o bem individual ou coletivo, causam constrangimento, revelam frustrações, humilhações, derrotas (ADRIÃO, 2010, p. 135-136).

“É sobre a prática de lugar que a reprodução do espaço urbano se revela como agente principal nas formas de apropriação, produção, de forma socializada, cristalizada, ligado as formas de uso e ocupação do solo urbano da cidade” (CARLOS, 1997). É nos lugares onde acontece as relações sociais de pertencimento



ocasionadas pela perda das memórias dos lugares e da vida cotidiana, presentes dentro do espaço no qual lugar /indivíduo estão inseridos.

Na maioria das vezes o indivíduo quer esquecer ou evita revelar experiências que se confundem entre o indivíduo e o coletivo, entre conceitos e preconceitos, mesmo entre o que ele concebe como bem e mal, entre aceito ou não pelas comunidades com as quais ele interage. Mesmo quando esse indivíduo vai falar de suas lembranças mais remotas, ele tem cautela, ele mede consequências, sem contar que a memória individual se renova; recordar é sempre problemático (ADRIÃO, 2010, p. 136).

O espaço pensado como lugar é transformado através da experiência e dos significados expressos através das memórias e da realidade inseparável, compartilhada, que se manifesta através do cotidiano. Portanto, se materializa de forma egocêntrica e social do ser humano, produzindo novos atores, novas identidades, o sentimento de pertencimento e referência.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que as memórias pessoais são importantes para o crescimento no espaço e que desempenham forte papel na construção do conhecimento da cidade podendo alterar o conceito de lugar na escala. Percebe-se também que a memória faz a grande diferença na ciência geográfica, pois permite voltar ao passado, as coisas mesmas, resgatando com o apoio da história oral, os fenômenos, as memórias esquecidas através das narrativas consideradas relevantes para a ciência geográfica.

Ao mesmo tempo, a experiência organizada da narrativa pelos sujeitos esclareceu de forma partidária que a estação reproduz um espaço onde era público e que se tornou privado que se choca com a economia local, afetando a maior parte dos moradores. Também nos ajudou a descobrir por meio dessas narrativas a importância que cada um construiu a respeito do conceito de lugar, elaborando um conhecimento que vai contrariar alguns conceitos teóricos, e, sobretudo, da imaginação que muitos profissionais das ciências humanas e sociais tem do lugar, permitindo, assim, a construção verdadeiramente do que é a cidade de Sobral através das memórias narradas, rompendo fronteiras.

A geografia como ciência que descreve e estuda as formas da terra, as atividades produzidas, nela tem em comum, a interdisciplinaridade, consegue



descrever os atos humanos no tempo e no espaço. É importante ressaltar também que o uso da história oral para a geografia é indispensável. Pois produz uma geografia baseada na realidade de mundo a partir da experiência de vida dos sujeitos, da natureza do espaço, dos conceitos e categorias.

REFERENCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a memória das cidades**. Revista da Faculdade de Letras, Geografia 1ª série. v. 14. Porto, 1998, p. 77-96.

ADRIÃO, Maria Antônia Veiga. Maneiras de ver e viver o bairro Terrenos Novos na cidade de Sobral-Ceará. In: FREITAS, Nilson Almino de; JÚNIOR, Martha Maria; HOLANDA, Virginia Célia Cavalcante de (Org.). **Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano**: Sobral e região em foco. UECE/ UVA, 2010. p. 130-137.

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Teodoro da. **Antropologia e imagem**: ciências sociais passo a passo 68. In: ZAHAR, Jorge (Org.). 1ª. e.d. São Paulo, 2006. p. 20-55.

CARLOS, A. F. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. In: SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). 1ª. e.d. São Paulo: CONTEXTO, 2014, p. 56-65.

CASTRO, I. E. de. O problema da escala. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P, C. da.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 118.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. "Prefácio". In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Entrevista com Alessandro Portelli. **Revista Historiar**. Universidade Estadual Vale do Acaraú. v. 4. n. 4. Jan/ Jun. 2011, Sobral, CE: UVA, 2010. Disponível em: www.uvanet.br/revistahistoriar.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo**. Revista território, Rio de Janeiro. v. 9. p.68-79, 2000.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia, São Paulo, HUCITEC, 1985.



GERALDES, Eduardo Simões; CAMAHO Adilson Rodrigues. **A experiência geográfica do lugar**: a reconquista da essência. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRÁFOS. 31. 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: AGB, 2010.

GONÇALVES, Marco Antônio & HEAD, Scott. **Confabulações da alteridade**: imagens dos outros e de si mesmos. In: GONÇALVES, Marco Antônio & HEAD, Scott (Org.). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 17.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

HARVEY, David. From space top lace and back again. In: Justice, nature and the geography of difference. Oxford: Blackwell, 1996, p. 314.

HENRIQUES, Eduardo Brito. **A problemática da representação no pensamento geográfico contemporâneo**. Centro de Estudos Geográficos e Departamento de Geografia da Faculdade de Letras de Lisboa, Inforgeo, Lisboa, 1996. p. 46.

HOLZER, Werther. **O lugar na geografia humanista**. Revista território, Rio de Janeiro. n. 7. 1999. p. 74-75.

_____. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista**: uma contribuição para a geografia contemporânea. GEOgraphia. n. 10. 2003. p. 113-117.

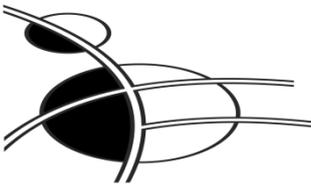
LEITE, Adriana Filgueira. **O lugar**: duas acepções geográficas. Anuário do Instituto de Geociências, UFRJ. v. 21. 1998. p. 10-19.

MARTINS, Ricardo Nogueira (2013). **Narrativas de lugar e memória**: a importância de crescer o espaço na identidade do sujeito. Revista Geo-Working Papers do Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento. Série Investigação (Universidade do Minho), Campus de Azurém. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/OJS/index.php/geoworkingp>. p. 05-11.

MASSEY. D. Um sentido global do lugar. In: ALANTES A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas, São Paulo, Paper, 2000. p. 185.

O espaço da cidadania e outras reflexões. SANTOS, Milton. In: SILVA, Elisiane da; NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach (Org). Coleção, O Pensamento Político Brasileiro. v. 3. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro. v. 2. n. 3, 1989. p. 04-11.



SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª e. d. São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **A Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo. HUCITEC, 1978.

SOUZA, R. M; AMORIM, R. F; SILVA, D. G (et al). In: AMADOR, Maria Betânia Moreira; BENINI, Sandra Medina (Org.). **A complexidade do “lugar” e do “não-lugar” numa abordagem geográfico-ambiental**. 1ª e. d. TUPÃ/SP: 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place**: humanistic perspective. In: Gale, S.; OLSSON, G. (eds.) *Philosophy in Geography*. Dordrecht, ReidelPul. p. 421.